

MICHEL DE MONTAIGNE E CECÍLIA MEIRELES: UM ENCONTRO ENTRE DUAS SOLIDÕES

Márcia Eliza PIRES*

RESUMO: A solidão sempre motivou o desenvolvimento do olhar contemplativo. À parte, gozando da ausência dos estímulos exteriores, o indivíduo estaria mais disposto a experimentar a existência de forma íntegra, visto que se habituaria a buscar o convívio consigo mesmo. Em seu ensaio “Sobre a solidão”, Michel de Montaigne (1533-1592) chama a atenção do leitor para a criação de uma *arrière-boutique*, isto é, de um cantinho em que a solidão corrobore para o parcial acesso à genuinidade da essência – já que, como assevera Valéry, “não temos qualquer meio para atingir exatamente em nós o que desejamos obter” (VALÉRY, 2011). A natureza humana também é minuciosamente sondada pelo narrador-personagem de Cecília Meireles (1901-1964) em “Da solidão”, crônica pertencente a *Escolha seu sonho*. Consonante a Montaigne, o sujeito ceciliano tece reflexões sobre o anseio à liberdade do ponto de vista do privilégio de espaços silenciosos e solitários. Por meio da comparação entre o ensaio de Michel de Montaigne e a crônica de Cecília Meireles, o objetivo de nosso trabalho volta-se para observar como a solidão é fator basilar a essas duas obras, perfazendo os traços constitutivos de cada autor: as peculiaridades do primeiro enquanto filósofo, os aspectos da segunda na qualidade de escritora.

PALAVRAS-CHAVE: Michel de Montaigne. Cecília Meireles. Solidão.

A solidão de Michel de Montaigne

Escritor, filósofo, homem político, Michel de Montaigne (1533 – 1592) é conhecido por seu denso legado valorativo à cultura ocidental. Pertencente ao Renascimento tardio, muitos estudiosos consideram que o estilo de sua escrita

* Pós-doutoranda em Estudos Literários. UNESP – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Faculdade de Ciências e Letras. Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários. Araraquara – SP – Brasil. 14800-900 - melizap.mon@gmail.com

se relacione ao que chamamos de Maneirismo, isto é, o período de transição entre a Renascença e o Barroco: “[...] o Maneirismo não é um estilo de época plenamente desenvolvido como o Renascimento ou o Barroco, mas sim um estilo de transição entre os dois momentos culminantes desses dois estilos de época.” (HATZFELD, 1988, p.41). Estruturalmente caracterizados por longas sentenças, pela combinação entre os termos em que se denota a contraposição argumentativa, a sondagem da natureza humana é um dos aspectos fundamentais aos ensaios de Montaigne. Entretanto, longe de enfatizar o todo harmônico constitutivo do homem renascentista – como, aliás, era de hábito a esse período –, o escritor lança seu pensamento sobre as fraquezas, contradições e as fragilidades. Sua escrita é desenvolvida a partir da tensão entre asserções opostas e ao mesmo tempo complementares: ora é marcada por elucidações enquanto atenuantes para a coerção labiríntica das inquietações existenciais, ora por contra argumentações que reiteram a supremacia das hesitações, das incertezas: “Para esclarecer uma dúvida, dão-me três: é a cabeça da Hidra.” (MONTAIGNE, 2015, p.516). Esta constante tensão de considerações opostas confere à produção de Montaigne o tom inequívoco próprio ao estilo maneirista.

Montaigne nasceu próximo à cidade de *Bordeaux*, mas, desde muito cedo, o pai o enviou para que fosse criado perto daqueles destituídos de grandes posses. Acostumou-se, portanto, à frugalidade e às provisões estritamente necessárias. A busca pela temperança, por usufruir dos benefícios da simplicidade são pontos que lhe rendem inúmeras reflexões.

O espírito livre de Michel de Montaigne fez com que se voltasse para o conhecimento de inúmeros assuntos. Aliás, era comum no século XVI o grande número de filósofos e homens especializados em artes e letras:

Comparados a ele, os grandes espíritos do século XVI – os promotores do Renascimento, do Humanismo, da Reforma e da ciência criaram a Europa moderna – são todos, sem exceção, especialistas. Teólogos ou filósofos, astrônomos ou matemáticos, artistas ou poetas, diplomatas ou generais, historiadores ou médicos: em sentido lato, são todos especialistas. Alguns se especializaram em várias áreas; Montaigne em nenhuma. (AUERBACH, 2015, p.09).

Desvinculado do enfoque a um tema específico, mas estudioso de assuntos dos mais diversificados domínios, o ensaísta goza da liberdade para sondar temas de sua livre escolha. Dada a inespecificidade de sua produção, seus textos não se

direcionam diretamente a juristas ou a filósofos, nem a cientistas ou a literatos. Desse modo, é surpreendente que a escrita de Montaigne tenha alcançado o conhecimento do público (AUERBACH, 2015). Suas reflexões acerca de temas de ordem distinta, dentre elas, a filosofia, a ociosidade, a embriaguez, a consciência, a crueldade, a amizade, a solidão conquistam o apreço de espíritos igualmente livres, das mentes afeitas à ação de lançar olhos contemplativos sobre toda sorte de assuntos que envolva a natureza do existir em si.

O ensaio – expressão que se encontra em região fronteiriça em termos de definição de gênero – tem como aspecto a tentativa de pensar sobre um dado tema. O conceito de experimento está na própria etimologia do termo. Por apresentar fortes traços de fluidez, é possível apreender no ensaio aspectos inerentes à poesia e à narrativa, por exemplo. Um ensaio pode ser filosófico, científico, político e literário, porém, é inerente à sua natureza o posicionamento crítico. No ensaio “Sobre a solidão”, o olhar meditativo está contido numa enunciação analítica, mas ao mesmo tempo expressiva. Vemos a inclinação para o emprego da metáfora, de recursos que sustentam uma linguagem musical e sugestiva.

Notamos que o imperativo é o modo verbal escolhido para dar início a “Sobre a solidão”:

Deixemos de lado essa longa comparação entre a vida solitária e a ativa; e quanto ao belo adágio sob o qual se encobrem a ambição e a cupidez, que “não nascemos para nosso interesse particular, mas para o público”, invoquemos ousadamente os que estão na dança; e que, com a mão na consciência, eles digam se, ao contrário, não procuram as situações, os cargos e esse alvoroço mundano, antes, para tirar do público seu proveito particular. (MONTAIGNE, 2015, p.163).

A estrutura do diálogo é instaurada por meio do emprego do verbo no imperativo, recurso que aproxima o ensaísta de seu leitor, promovendo uma noção de cumplicidade. Desse modo, Montaigne convida à reflexão e mostra como suas indagações podem ser semelhantes aos questionamentos do suposto público leitor. Neste parágrafo introdutório, imagens como “belo adágio”, “dança” dão uma nota de fundo poético ao questionamento da necessidade de o indivíduo buscar a companhia e a aprovação de terceiros que, segundo ponto de vista do escritor, são prescindíveis: “Esses outros, que não nos veem de modo algum, mas se dão o direito de olhar-nos, decretam sua ‘sentença’: é preciso buscar refúgio na consciência que tomamos, a sós, de nós mesmos.” (STAROBINSKI, 1993, p.95)

A abordagem desta ferida metafísica, isto é, a vulnerável tentativa de compreender a si mesmo sob a ótica da alteridade, ganha contornos eufêmicos devido à sua associação a recursos promotores da expressividade. O emprego de tais termos contribui com a tonalidade fluida predominante em todo o ensaio. “Belo adágio” e “dança” adaptam-se à extensão prolongada dos parágrafos, incitando à pausa da leitura em proveito da reflexão: “[...] o texto: ele produz em mim o melhor prazer se consegue fazer-se ouvir indiretamente; se, lendo-o, sou arrastado a levantar muitas vezes a cabeça [...]” (BARTHES, 2013, p.32). Dessa forma, as reflexões provocadas pela leitura do ensaio fazem com que o leitor também se volte para seu repertório de mundo na busca de maturar as descobertas a fim de adequá-las a seu universo interno.

A prosopopeia é nova figura a serviço da associação da sondagem filosófica à instauração expressiva da linguagem. Sentimentos são personificados a partir da ênfase a determinadas ações: “A ambição, a cupidez, a indecisão, o medo e as concupiscências não nos abandonam só por termos mudado de paisagem [...]” (MONTAIGNE, 2015, p.165). “E a negra tristeza está sentada na garupa do cavaleiro” (HORÁCIO apud MONTAIGNE, 2015, p.165). Notemos que o emprego de verbos como “abandonar” e “sentar” sugere uma representação imagética para o indivíduo alheio a si mesmo e, portanto, refém da dependência de relegar sua satisfação aos estímulos externos. Como já indicado, além da cumplicidade estabelecida com o leitor, Montaigne alterna o desenvolvimento de suas ideias com o colóquio com outros pensadores, especialmente os latinos. Como se a intervenção dos bardos respaldasse suas considerações ilustrando-as por meio de imagens sobrepostas e convergentes. Por sua vez, a menção à sentença horaciana reitera a tonalidade poética para o alerta sobre a ilusão de confiar o próprio bem-estar somente às motivações exteriores. Essas últimas mostram-se inconstantes e na maior parte das vezes ineficazes, uma vez que exortam o indivíduo a apenas contatar sua porção mais superficial.

De acordo com Montaigne, seja diante do conflito ou do agradável da experiência, a alma humana demonstra percepção mais apurada que aquela que foi ensinada ao homem por meio do exercício de ações condicionadas:

Nossa vida é composta, como a harmonia do mundo, de coisas contrárias e também de diversos tons, doces e ásperos, agudos e graves, fracos e fortes. O músico que só gostasse de uns, o que quereria cantar? Ele tem de saber utilizá-los em conjunto e misturá-los [...] Sem essa mescla nosso ser nada pode: e um lado não é menos necessário que o outro. (MONTAIGNE, 2015, p. 545).

Adepta da solidão e da tranquilidade, a alma humana, é capaz de tirar proveito de todas as experiências. Montaigne reitera o convite ao leitor para não ir contra as mudanças inerentes à natureza do existir e, tampouco, apegar-se a um único aspecto. Faz-se necessário ao indivíduo o conhecimento das verdades da essência, a escolha consciente para o caminho oposto às superficialidades. Lembra que “[...] é preciso remover os atributos do povo que existem em nós, é preciso sequestrar a si mesmo e reaver a si mesmo.” (MONTAIGNE, 2015, p.166). Sozinho, liberto dos “laços que nos prendem aos outros” (MONTAIGNE, 2015, p.167) o indivíduo se favorece da ocasião propícia para a autocontemplação que não estão isentas de contradições e de dúvidas. Entretanto, o indivíduo montaigniano põe-se atento às suas inclinações, bem como à urgência do despojamento de ideias não raramente sedimentadas.

A simplicidade associada à solidão também é fator a serviço do processo da autossondagem:

Devemos servir-nos dessas vantagens acidentais e externas a nós na medida em que nos são agradáveis; mas sem torná-las nosso principal fundamento, pois não o são, nem a razão nem a natureza assim querem. Por que, indo contra suas leis, vamos fazer de nossa felicidade uma escrava do poder dos outros? Também é atitude de excessiva virtude antecipar os golpes da fortuna, privar-se das comodidades que temos à mão, como vários fizeram por devoção e alguns filósofos por convicção, servir a si mesmo, dormir no chão [...] (MONTAIGNE, 2015, p.171).

Em tom de aconselhamento, Montaigne reflete sobre a periculosidade da dependência dos hábitos associados às vantagens do conforto. Tais facilidades incitam o comportamento acomodado, agrilhado a expectativas ilusórias que esmaecem a natural autonomia da alma: “Temos uma alma capaz de recolher-se em si mesma; ela pode se fazer companhia [...]” (MONTAIGNE, 2015, p.168). Como já mencionado, confiar o próprio bem-estar somente às facilidades externas consiste em persistir na desatenção da grandeza da esfera da interioridade apta a conduzir à noção de liberdade. Por sua vez, a expressão “felicidade escrava” indica a confluência entre as disparidades que constituem a condição do indivíduo: “felicidade” aqui associada ao hábito remete aos costumes cuja permanência se dá pelo condicionamento. Desse modo, a percepção consciente do estar no mundo, da experiência humana em sua complexidade, faz com que o indivíduo contemplativo questione e redescubra a relação estabelecida com o mundo dos

fenômenos (para usar a expressão de Kant). Atenta-se, portanto, aos ludibrios da estabilidade: “Tropeço mais facilmente em terreno plano, como certos cavalos que conheço que mais amiúde pisam em falso em caminho uniforme.” (MONTAIGNE, 2015, p. 513).

O hábito a ser conservado é aquele que conduza ao contato consigo e à constatação da única constância da experiência humana: o invariável das mudanças. Montaigne mostra como pode ser libertador estar cômico da total incidência da finitude:

[...] desvencilhemo-nos desses laços violentos que nos arrastam alhures e afastam-nos de nós. Há que desatar essas obrigações tão fortes, e doravante amar isto ou aquilo mas só desposar a si mesmo; isto é, que o restante seja nosso, mas não unido e colado de modo que não possamos soltá-lo sem nos esfolarmos e arrancar um pedaço de nós mesmos. A maior coisa do mundo é saber de si mesmo. (MONTAIGNE, 2015, p.170).

Com a intrigante expressão “desposar a si mesmo”, o ato de casar deixa de compreender a relação com um objeto de afeição exterior para indicar sentido reflexivo. À medida que se torna cônjuge de si, o indivíduo montaigniano experimenta cada vez mais a liberdade de não prescindir do ponto de vista de um interlocutor que não seja ele mesmo e assim exerce a genuína autonomia de tecer suas considerações acerca dos meandros complexos de sua natureza. “Abandonai junto com as outras volúpias essa que vem da aprovação de outrem.” (MONTAIGNE, 2015, p.177). Não se trata aqui da defesa do isolamento, mas da constatação da inerência de as relações humanas serem marcadas pela modificação e pela transitoriedade. No texto intitulado “Sobre a experiência” o ensaísta assevera: “[...] também moldar-nos para a mudança e a variação que é o mais nobre e útil de seus aprendizados.” (MONTAIGNE, 2015, p.535). Assim sendo, o sujeito de Montaigne privilegia concomitantemente a autocontemplação e o abandono de “vínculos coercivos” (AUERBACH, 2015, p.12) prejudiciais à sua integridade. Em plena solidão, melhor dizendo, acompanhado da própria individualidade, apreende os valores de que verdadeiramente necessita sua natureza.

Breve, a solidão montaigniana consiste no recolhimento para uma espécie de instância ontológica reservada à auto-observação, à autossondagem: “Estudo a mim mesmo mais que a outro assunto. É a minha metafísica, é a minha física.” (MONTAIGNE, 2015, p.520) O ensaísta inventa para si um

lugar-existência que denomina de *arrière boutique*. Esse conceito, para o qual os estudiosos ainda não encontraram uma definição precisa, é caracterizado pela inacessibilidade a terceiros, isto é, a interlocutores que dispersam o sujeito de seu principal estudo: o próprio 'eu'. É em absoluta solidão que o indivíduo atua concomitantemente como plateia e ator: “Que o público vos seja um, e um vos seja todo o público” (MONTAIGNE, 2015, p.177). Trata-se de um espectador atento às representações voltadas para o despojamento das máscaras, isto é, da recusa dos simulacros que dificultam o acesso à autenticidade essencial. “Quando o eu-espectador tiver podido dar sua plena aprovação ao eu-espetáculo” (STAROBINSKI, 1993, p.28), esse conhecerá as verdades que residem no cerne da interioridade e verá finalmente emergir o 'eu' em sua versão genuína.

A solidão de Cecília Meireles

Cecília Meireles (1901-1964) é detentora de larga produção literária cuja densidade repercute tanto em sua poesia quanto em sua prosa. A escritora, que além de poetisa foi também professora, jornalista, folclorista, desenhista, tradutora, privilegia em sua obra o encontro da expressão artística com a sondagem metafísica. Seja em relação ao “eu” poético ou à narradora-personagem de suas crônicas, a atitude contemplativa diante da natureza humana é fator preponderante. Aliás, dado o enfoque à variedade de nuances dos aspectos que constituem a complexidade humana, na obra de Cecília Meireles o enigma da existência apresenta-se profundamente potencializado. Portanto, é possível facilmente estabelecer estreita relação da arte com a palavra, isto é, da literatura com o domínio do filosófico.

O enunciador ceciliano – ora em contexto lírico, ora em situação prosaica – é caracterizado pelo olhar acurado, sendo capaz de extrair mensagens veladas e profundas de tudo que observa. Elementos classificados comumente como banais evocam significações inusitadas, o que exige constantes modificações quanto à sua maneira de observá-los. Gatos, folhas secas de árvores, pequenos répteis, ruminantes transcendem sua condição circunstancial ao desafiar, com sua presença misteriosa, o olhar ceciliano sempre embebido de poesia, na busca pela transfiguração do habitual, da apreensão do dado externo pela via do automatismo e da superficialidade: “A criatura humana sempre me pareceu sonâmbula, entre bastidores de um teatro grande e espantoso. Ora está no cenário, ora na plateia. Mas, sempre sonâmbula.” (MEIRELES, 1998a, p.33). A relação com os referentes externos é estabelecida no intuito da sondagem sobre o que

se coloca inaudito devido à percepção sedada pelo predomínio das urgências distantes da desinteressada fruição estética de todas as naturezas. Para que se apreendam as formas inusitadas, é imprescindível “[...] ler a paisagem como um grande livro monumental [...]” (MEIRELES, 1998b, p.271) na recusa do olhar costumeiro e desgastado.

A narradora-personagem, assim como o sujeito poético ceciliano, carrega ressonâncias da figura múltipla do poeta arcaico: aquele também profeta, adivinho, filósofo, professor, posto que se nutre do conhecimento aprofundado dos elementos alvos de suas contemplações. No fragmento que transcrevemos, longe de circumspecta e envolta na toante de seriedade a que se submetem os temas metafísicos, a narradora-personagem descreve a experiência do profundo momento reflexivo por meio de um agridoce discurso soturno e crepuscular:

É quando o vento matinal docemente desprende os pulsos das árvores, e descem dos ares as variadas mãos das folhas que tateiam pálidas o contorno do dia. Rodeiam a claridade, tocam a frescura da última névoa e caem sobre a menina que sonha. Não estão vivas, não são humanas – parecem estrelas secas, daqui a pouco serão cinza; e, no entanto, são de tal modo inteligíveis! – pousam com tanta elegância, desprovidas de peso, resvalam com tanta sabedoria, sem mágoa nem saudade... – e é tão bom senti-las pelos ombros, vê-las com amor e sem pena, como se fossem as verdadeiras mãos do mundo, as únicas mãos jamais havidas, as mãos para sempre eternas! [...] Ah, tal como a Deusa, está com os pés na Terra, e não está na Terra. (MEIRELES, 1998b, p. 216-218).

A constatação da passagem do tempo, assim como da finitude figura-se na observação de meras folhas secas. Um dado que – mesmo ilustrando uma cena corriqueira – transpõe a informação banal, visto que ao se colocar diante da sensibilidade e perspicácia da narradora, revela seu poder sugestivo. Daí o desenvolvimento da linguagem repleta de poeticidade, movida pela representação metafórica: folhas remetem a “pulsos das árvores”, mas igualmente a “estrelas secas” – evocando a unidade entre aquilo que fenece e aquilo que perdura, entre a fugacidade e o indestrutível. Lembremos que Barthes assevera que a unidade é superior ao significado de união, na medida em que a primeira “[...] destrói a própria memória das individualidades componentes e faz surgir em seu lugar uma zona de ausência, onde tudo é de novo possível, oferecido à incubação do calor cordial: é a liberdade.” (BARTHES, 1991, p.27). A narradora ceciliana promove

a coexistência de elementos banais, sublimes que, de modo concomitante, instauram o efêmero e o perene. A amálgama de valores de ordens distintas, mas complementares, resulta na compreensão invulgar acerca da relação entre o universo interior e os acontecimentos da exterioridade. Por sua vez, o olhar investigativo da narradora-personagem incita a consideração do quão tal elo se mostra insuficientemente conhecido, mesmo incógnito.

Assuntos misteriosos, cuja grandiosidade remete ao incompreensível para aqueles acostumados a pouca profundidade do cotidiano, incidem de forma diversa sobre o universo do poeta. Por sua vez, dada à sua natureza plural, o poeta pode figurar-se de várias maneiras: filósofo, compositor, pintor, prosador. Lembrando que a prosa é reconhecidamente boa se a mesma se der na esfera poesia (VALÉRY, 2011), todos os temas – se filtrados pela percepção do poeta – adquirem o contorno e o teor da sublimidade. Assim configura-se a voz enunciadora de Cecília Meireles. Quer mencionemos o narrador personagem, quer o sujeito poético seu discurso caracteriza-se pela verbalização sustentada na poeticidade, posto que essa traduz as elucubrações do olhar que decifra a representação dos dados da exterioridade para além de sua constituição imediata. Portanto, a relação estabelecida como os elementos do mundo externo move-se a partir da ótica afeita ao jogo, ao lúdico, que, de sua parte, promove a transfiguração: “o mundo é uma coisa engraçadíssima visto pelos olhos humanos. Os nossos são poéticos, o que é diferente.” (MEIRELES, 1998b, p. 209)

Na crônica “Da solidão”, os aspectos e acontecimentos filtram-se na percepção poética da narradora-personagem. Conhecemos o caráter volúvel do gênero crônica, isto é, em sua fluidez ressoam ecos do ensaio, do romance, do conto e da poesia. Nesse gênero de natureza híbrida, aspectos associados à densidade acabam por volatilizar-se – fazendo com que os temas desenvolvidos sejam abordados de forma leve, mas sem que se perca a profundidade. Assim, no texto de Cecília Meireles as inquietações de ordem filosófica e a exortação à experiência solitária dão-se de maneira despreziosa. A crônica, pertencente ao título *Escolha seu sonho*, é iniciada por meio de tom interrogativo:

Há muitas pessoas que sofrem do mal da solidão. Basta que em redor delas se arme o silêncio, que não se manifeste aos seus olhos nenhuma presença humana, para que delas se apodere imensa angústia: como se o peso do céu desabasse sobre sua cabeça, como se dos horizontes se levantasse o anúncio do fim do mundo. No entanto, haverá na terra verdadeira solidão? Não estamos cercados por inúmeros objetos, por infinitas formas da natureza e o nosso

mundo particular não está cheio de lembranças, de sonhos, de raciocínios, de ideias que impedem uma total solidão? Tudo é vivo e tudo fala, em redor de nós, embora com vida e voz que não são humanas, mas que podemos aprender a escutar, porque essa linguagem secreta ajuda a esclarecer o nosso próprio mistério. (MEIRELES, 1975, p.39).

Segundo o olhar interrogativo da narradora, atingir a verdadeira solidão é algo questionável. O ermo absoluto, valor que se sustentaria na quietude da esfera exterior mas também do universo íntimo, é suspenso por presenças das mais diversas: objetos, formas concretas e abstratas. De sua parte, a narradora demonstra o dramático exagero diante da ausência da figura humana indicando o quão o contato com a solidão é raro. Exorta o leitor a frequentá-la e a aprender sobre si mesmo sendo contemplador dos elementos que se quedam no silêncio. Para tanto, assim como o indivíduo montaigniano, a narradora personagem permite que sua alma lhe faça companhia e – mais que esse exercício – coloca a alma atenta à capacidade representativa de todos os elementos que anunciam muito mais do que sua constituição aparente. A ação da memória, por exemplo, faz com que a esfera subjetiva constantemente se povoe de reminiscências.

Revisitando a concepção estoica de que a natureza humana irmana-se a uma espécie de existência superior universal, “*notre nature est partie de celle de l’univers*” (BRÉHIER, 1963, p.66)¹ a personagem alerta sobre a propriedade de ensinamento de todo o circundante em relação à própria condição humana. Tudo se encontra em diálogo constante:

Amemos o que sentimos de nós mesmos, nessas variadas coisas, já que, por egoístas que somos não sabemos amar senão aquilo em que nos encontramos. Amemos o antigo encantamento dos nossos olhos infantis, quando começavam a descobrir o mundo. [...] A rosa que se despede de si mesma, o espelho onde pousa nosso rosto, a fronha por onde se desenham os sonhos de quem dorme [...] Mundo delicado, que não se impões com violência: que aceita nossa frivolidade ou o nosso respeito; que espera que o descubramos, sem se anunciar nem pretender prevalecer, que pode ficar para sempre ignorado, sem que para isso deixe de existir. [...] Oh! se vos queixais de solidão humana, prestai atenção, em redor de vós, a essa prestigiosa presença, a essa copiosa linguagem que de tudo transborda, e que conversará convosco interminavelmente. (MEIRELES, 1975, p. 43).

¹ “nossa natureza é parte do universo” (BRÉHIER, 1963, p. 66, tradução nossa).

O emprego do verbo em modo imperativo, assim como em Montaigne, confere à narrativa um tom de proximidade com o leitor, já que a personagem faz uso do aconselhamento como uma das características de seu discurso. Tal conselho é uma exortação ao afeto, um convite para que a relação estabelecida com os elementos do externo se fundamente no sentir. “Amemos o que sentimos de nós mesmos nessas variadas coisas” – apelo para que o indivíduo frua da solidão e descubra seu próprio reflexo na presença sugestiva dos objetos. Aqui, a narradora também incita o apuramento da capacidade de abstração, apreendendo os elementos de forma que esses revelem para além da obviedade: “[...] um ‘mundo inteligível’ que se assemelha, por suas características essenciais, ao mundo dos sólidos, mas cujos elementos são mais leves, mais diáfanos, mais fáceis de manejar pela inteligência do que a imagem pura e simples das coisas concretas.” (BERGSON, 2015, p.118). É justamente a percepção sutil que transpõe aquilo que comum e limitadamente é compreendido apenas pelo atributo do imediato.

Os elementos que suscitam o olhar imbuído de abstrações são de ordem simples, até mesmo banais. Entretanto, pelo fato de serem apreendidos para além de suas informações unívocas, os objetos corriqueiros atuam como motivadores para a instauração de temas maiores: a autocontemplação, por exemplo. Desse modo, a rosa é correspondência para o efêmero; a fronha, artigo de tamanha fatuidade, torna-se tela para os sonhos se colocarem plasticamente; o espelho, termo sobre o qual incide uma carga ainda maior de ambiguidade, pode remeter ao objeto em si e a todos os elementos mencionados. Levando em consideração as características peculiares, seu conjunto representa simbolicamente a figura tão plural quanto complexa da narradora. Destarte, tais elementos desimportantes são ainda “prestigiosa presença”, isto é, grandiosidades pequeninas e nobres, absolutamente distintas daquela pequenez que relega a satisfação ou os males do indivíduo à companhia ou à ausência do outro.

Considerações finais: o encontro entre as duas solidões

A solidão de Michel de Montaigne e a de Cecília Meireles estabelecem diálogo entre si pela via do aprofundamento da sondagem da natureza humana. Montaigne por meio do ensaio e Cecília Meireles valendo-se da crônica propõem a experiência de estar absolutamente só, no exercício de contemplar demoradamente as próprias reações desencadeadas pela oportunidade de estar em companhia de si mesmo. De maneira geral, é predominante a absorção do homem pelas distrações

do mundo. De maneira geral, o homem está pouco habituado, para não dizermos em completo alheamento – ao contato íntegro consigo. Em outras palavras, o cerne de sua natureza é para si um grande desconhecido. Revisitando o aforismo grego “Conhece a ti mesmo”, os dois escritores intentam promover ao leitor o desafiante contato com seu íntimo. Demonstram que o silêncio e o retiro para a esquiva estância da interioridade possibilitam a ressignificação de seu ermo existencial que, diga-se de passagem, se dá a conhecer em supremacia.

Segundo Montaigne, a investigação da essência torna-se possível quando o indivíduo é para si mesmo seu espetáculo e sua plateia, em abandono da aprovação de terceiros e da distração ocasionada por estímulos que apenas dão vasão a simulacros e o fazem senão distanciar de sua natureza. No contato afetivo com os demais, no entanto, só desposando a si mesmo (MONTAIGNE, 2015), o indivíduo montaigniano cria para si o que denomina de *arrière-boutique*: espécie de coxia existencial, cujo acesso se dá pela passagem secreta localizada no retiro para a solidão: “Aí devemos praticar nossa conversa habitual de nós para nós mesmos, e tão privada que nenhum convívio ou comunicação com as coisas externas encontre espaço.” (MONTAIGNE, 2015, p.168). Nesta valiosa estância particular, o despojamento de todos os apegos e simulacros, o convívio integral com a individualidade, o reaver a si mesmo e a constatação libertária de que a satisfação e a plenitude são conquistadas junto da única parceria indissociável: o próprio eu acompanhado de si.

Certo de que as mudanças são a única constante, Montaigne convida ao hábito da escolha de estar sozinho. Não se trata da defesa do modo de vida semelhante ao dos eremitas, mas da preferência por manter brandos e leves os elos afetivos, na medida em que o homem acolha o reconhecimento inexorável de que tudo está sujeito a modificações.

Assim como Montaigne, a narradora cecilianiana exorta o leitor à experiência solitária. Como já mencionamos, as circunvoluções complexas inerentes à condição humana motivam a personagem na busca por contemplá-las. A *arrière-boutique* de Montaigne, ou seja, essa espécie de espaço-existencial privativo é revisitado, contudo, o monólogo com a própria alma é intercalado pelo diálogo estabelecido com os elementos circundantes que, por sua vez, não são humanos. Na crônica de Cecília Meireles alcançar a solidão absoluta é algo incerto, posto que, mesmo sozinho, o indivíduo é interpelado pela presença de objetos, plantas, animais e – mais: o ser humano é constantemente solicitado pelo próprio dinamismo de seu universo interior, repleto de reminiscências da memória, sensações e pensamentos. Os movimentos da consciência e mesmo da inconsciência são

companhia indissociável para o indivíduo. Constantemente acompanhada tanto dos elementos do externo como das impressões da interioridade, a narradora vale-se de tal constatação como oportunidade para tornar-se aprendiz dessas representações. Ao colocar-se em exercício contemplativo, põe-se receptiva àquelas mensagens encobertas pela superficialidade das relações costumeiras, mas que, se apreendidas por percepção acurada se tornam reveladoras. Dispõe-se a amar o espelhamento de sua personalidade em elementos desimportantes, banais, pequeninos. Esses, misteriosos, acabam por exercer maior capacidade sugestiva que as companhias humanas.

Na solidão, enquanto o sujeito montaigniano monologa com seu próprio espetáculo, a personagem ceciliania perscruta atentamente a representação dos aspectos da esfera do externo na intenção de compreender-se como parte constituinte do todo. A narradora de Cecília Meireles medita sobre sua condição frente ao reconhecimento de si nos dados externos, fato que sugere o imenso enigma do cerne de sua existência, já que também “o sentido íntimo” das coisas – a despeito de toda contemplação filosófica – se queda distante de uma apreensão satisfatória.

Breve, incide sobre ambos os escritores um dos aspectos característicos ao conceito de modernidade – isto é, a premente valoração da noção da individualidade. A experiência da solidão proporciona ao sujeito, ora expresso na voz enunciadora do ensaio, ora representado na figura da narradora-personagem da crônica, o convívio com sua natureza de maneira mais efetiva. Dada as relações estabelecidas sob a ordem das urgências práticas e a conformidade com informações na maioria das vezes superficiais, o homem encontra-se distraído de si. Alheio às suas reais necessidades, inclusive à importância de encontrar-se só na possibilidade de reaver as características da própria personalidade, o indivíduo em média não adquiriu o hábito da autocompanhia ou da companhia de aspectos que lhe possam ensinar sobre os mistérios do próprio reflexo. Michel de Montaigne e Cecília Meireles convidam o leitor – cada autor de acordo com suas peculiaridades – a aventurar-se pelo rico universo da solidão, no intuito de contemplar os mais variados perfis do grande desconhecido: o “eu” dado a revelar-se para si mesmo, ainda que de forma esquiva e insuficiente. Mas, a tentativa da auto-avaliação, na perscrutação do dinamismo complexo e tantas vezes inapreensível da própria essência já é por si um exercício de liberdade.

MICHEL DE MONTAIGNE AND CECÍLIA MEIRELES: A MEETING BETWEEN SOLITUDES

ABSTRACT: *Loneliness has always motivated the development of the contemplative gaze. Distant from external stimuli, the individual would be more willing to experience existence in an integral way, since he would become accustomed to living with himself. Michel de Montaigne (1533-1592), in his essay "On loneliness," draws the attention of the reader to the creation of a boutique-shop, that is, a corner where loneliness validates partial access to the authenticity of essence – since, as Valéry asserts, "we have no means of getting exactly what we wish from ourselves" (VALÉRY, 2011). Human nature is also meticulously probed by the character-narrator of Cecília Meireles (1901-1964) in "Of solitude," a short writing belonging to Choose your Dream. In agreement with Montaigne, the Cecilian individual weaves reflections on the yearning for freedom from the standpoint of privileged quiet and solitary spaces. Through the comparison between Michel de Montaigne's essay and Cecília Meireles's writing, the aim of this paper is to observe how solitude is a basic factor in these two works, discerning the features of each author: the peculiarities of the former as a philosopher and the aspects of the latter as a writer.*

KEYWORDS: *Michel de Montaigne. Cecília Meireles. Solitude.*

REFERÊNCIAS

AUERBACH, E. Introdução. In: MONTAIGNE, M. de **Os ensaios**: uma seleção. 2015. Organização de M. A. Screech. Tradução e notas de Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Penguin, 2015. p.9-30.

BARTHES, R. **O prazer do texto**. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2013.

_____. **Michelet**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

BERGSON. H. **A evolução criadora**. Tradução de Bento Prado Neto. São Paulo: Folha de São Paulo, 2015. Coleção Folha Grandes Nomes Do Pensamento.

BRÉHIER. P. V. **Les grandes doctrines littéraires en France**. Paris: Presses Universitaires de Frances, 1963.

HATZFELD, H. **Estudos sobre o Barroco**. Tradução de Célia Berrettini. São Paulo: Perspectiva, 1988.

MEIRELES, C. **A lição do poema**. Cartas de Cecília Meireles a Armando Côrtes-Rodrigues. Ponta Delgada: Instituto Cultural, 1998a.

_____. **Crônicas de viagem**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998b.

_____. **Escolha seu sonho**. São Paulo: Círculo do livro, 1975.

Michel de Montaigne e Cecília Meireles: um encontro entre duas solidões

MONTAIGNE, M. de. **Ensaaios**. tradução de Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Penguin, 2015.

STAROBINSKI, J. **Montaigne em movimento**. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia Das Letras, 1993.

VALÉRY, P. **Variedades**. Tradução de Maiza Martins de Siqueira. São Paulo: Iluminuras, 2011.



